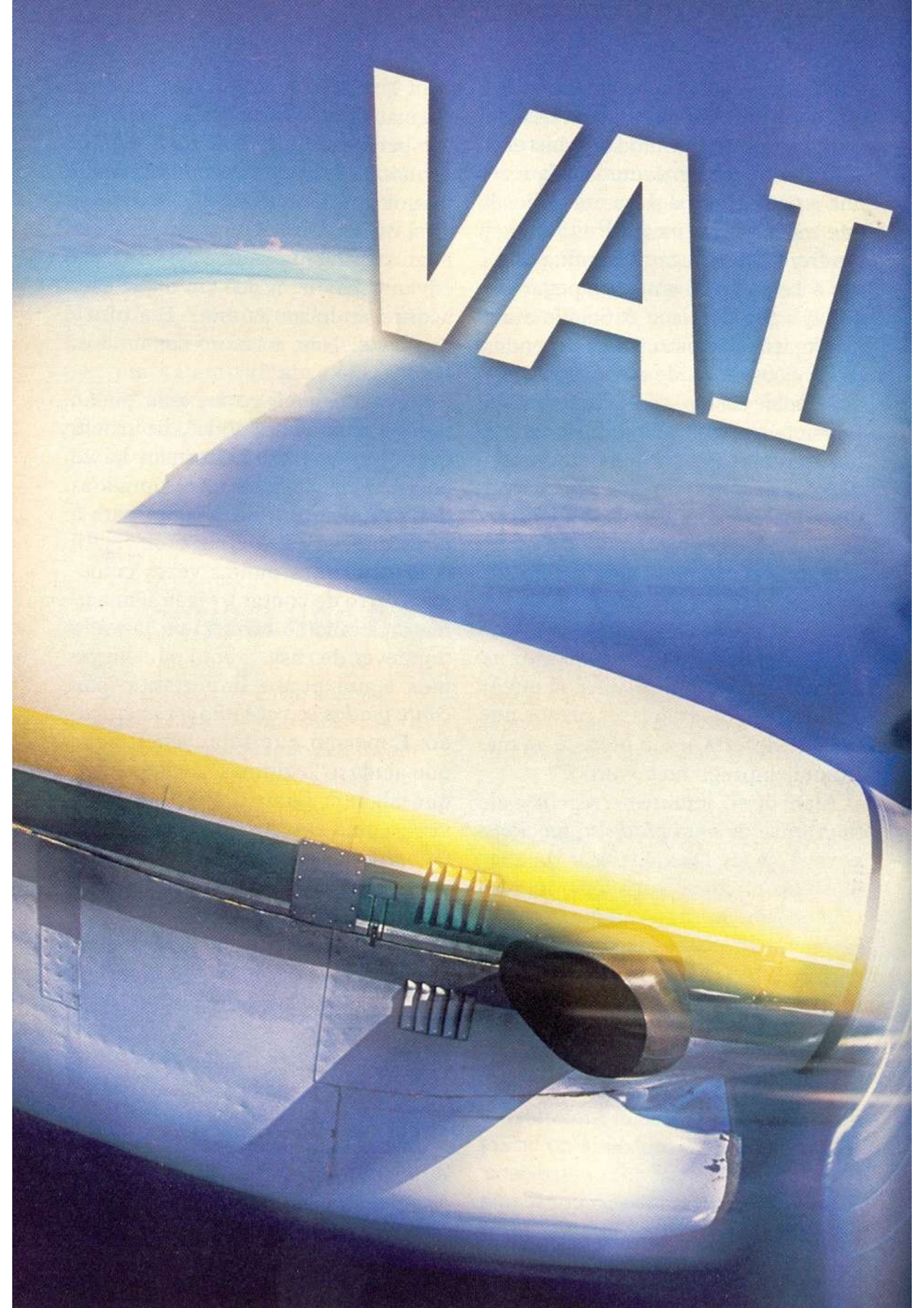


# VIAI





Eles haviam acabado de decolar na viagem de lua-de-mel quando um dos motores explodiu

# CAIR!

POR ANDREA COOPER

WALT E DONYELLE WILKINS arrastavam as malas e o equipamento de mergulho pelo Aeroporto de Fort Lauderdale, na Flórida, à procura do balcão da Air Sunshine. O clima estava úmido naquele 13 de julho de 2003 e eles estavam encalorados, cansados e um tanto irritados no dia seguinte ao seu casamento.

A cerimônia transcorrera maravilhosamente bem. Cerca de 300 convidados haviam comemorado com eles na Primeira Igreja Batista em Charleston, Carolina do Sul. Mas, quando



subiram na charrete aberta para um passeio, começou a chover. Donyelle ficou desconsolada até surgir o maior arco-íris que ela já vira sobre a enseada. Um bom presságio, acreditaram ambos.

Quando por fim acharam o balcão da companhia aérea, a atendente perguntou o peso deles. Logo saberiam por quê. Na pista, havia um Cessna 402C, bimotor de aspecto frágil. *Isto não é um avião*, pensou Donyelle. *É uma minivan voadora*.

- Não vou entrar aí - avisou a Walt.

Ele lhe afagou as costas.

- Vamos lá - insistiu. - Temos de chegar a Abaco. Vai dar tudo certo.

Ambos estavam ansiosos para chegar ao condomínio de um amigo, na pequena ilha das Bahamas. Com relutância, Donyelle subiu a escada e entrou na cabine apertada.

O piloto surgiu por uma grande janela na lateral esquerda e se sentou na cadeira de tal forma inclinada para trás que Donyelle teve de inclinar

os joelhos para o corredor. Quando o avião começou a taxiar para a decolagem, ela afundou o rosto nas mãos.

Sentado diante dela, Walt via que estava nervosa. O passageiro no assento do co-piloto, Constantinos Francisco, também notou a apreensão de Donyelle e tentou tranquilizá-la. A mulher dele, Bethany, que levava no colo a filha de 1 ano, Zoie, estava sentada atrás de Walt. Atrás dela, Diane Parker-Diaz, 33 anos, cuidava de três crianças pequenas: Andre, 8 anos, Elisia, 5, e a prima deles, Diante, 4. Estavam a caminho do casamento do irmão dela em Abaco. As crianças se agitavam animadamente, ansiosas para ver a avó.

O avião começou a voar sobre o oceano e alcançou a altitude de 3.500 pés. Os passageiros se acalmavam à medida que a aeronave cruzava um tranquilo céu caribenho. Até que, 50 minutos depois de iniciado o vôo, a dez minutos de Abaco, Walt notou fumaça saindo do motor direito. E viu o óleo escorrendo para a asa. Segundos mais tarde, houve uma explosão, que abriu um buraco na tampa do motor. Pedacos se desprendiam e caíam no mar.

Por incrível que pareça, ninguém gritou. "O que houve?", perguntou Donyelle, procurado manter a calma. O piloto não respondeu. Enquanto lutava para recuperar o controle, o avião ele se inclinava para a esquerda. O motor da direita estava silencioso. O da esquerda rugia. Donyelle se esforçou para ouvir o piloto.

"Fui eu. Fui eu", dizia ele pelo rá-







dio. “Estamos perdendo pressão. Vou tentar continuar. Não sei por quanto tempo vou conseguir.”

Donyelle começou a chorar. Do outro lado do corredor, Bethany Francisco ninava Zoie. Diane Parker-Diaz também estava calma. “Já fiz este vôo um milhão de vezes”, disse a Donyelle. “Estou vendo Abaco. Vai ficar tudo bem.”

O olhar de Donyelle encontrou o de Bethany e, num momento de empatia, as duas desconhecidas começaram a rezar o pai-nosso. Walt segurou a mão da mulher. Instantes mais tarde, o avião caía no mar. O barulho foi como o de uma bala de canhão atingindo um navio blindado. O Cessna atravessou as ondas e parou oscilante sobre as águas revoltas.

O piloto abriu a janela e se virou para os passageiros, o rosto muito machucado. Aparentemente em estado de choque, não disse nada.

**Embora Donyelle e Walt tenham sobrevivido ao pesadelo, ainda revivem a queda em sonhos.**

Abalado, Walt desafivelou o cinto de segurança de Donyelle e tentou em vão puxar os coletes salva-vidas de sob os assentos. O avião tinha começado a afundar e Donyelle não se mexia. Walt a pegou no colo, levou-a até a janela do piloto e passou-a para fora. Constantinos lhe deu um colete salva-vidas e ele o jogou para Donyelle. Então pulou no mar atrás dela.

Dentro do avião, era o caos. Bethany Francisco conseguiu sair pela porta principal com Zoie nos braços. Na água, lutava para não soltar o bebê. Ao avistar Donyelle boiando perto do nariz do avião, Bethany atravessou as ondas e entregou a filha à outra mulher. Depois, agarrou-se ao colete salva-vidas de Donyelle.

Destroços boiavam por toda par-





te. Walt não sabia se todos os passageiros haviam saído. Ali perto, o piloto se debatia e gritava: “Vou afundar!” Mas Constantinos o acalmou, orientando-o a boiar de costas.

Quando Walt tornou a olhar para o avião, viu Andre e Elisia de pé sobre a asa, aos gritos. Embora vestissem coletes salva-vidas, os coletes não estavam cheios. A água lhes chegava aos joelhos.

Walt nadou até o avião. As ondas que arrebentavam sobre a asa o puxavam para baixo e, enquanto ele enchia os coletes salva-vidas das crianças, o avião começou a virar, e Andre e Elisia pularam sobre ele. “Vocês vão afogá-lo!”, gritou Donyelle, em desespero. Walt finalmente conseguiu segurar-lhes os braços e nadar com eles para longe. Quando olhou para trás, o avião boiava de lado, como uma gaivota morta. Em seguida, começou a afundar.

Haviam se passado apenas dois minutos desde a queda.

NA BASE AÉREA de Miami, o tenente comandante da Guarda Costeira americana Mike Eagle acabava de 80

preencher alguns documentos quando recebeu o chamado. Um avião havia caído no mar, a oeste de Abaco. O comando distrital pediu a Eagle que enviasse um jato Falcon e um Dolphin HH-65, helicóptero de curto alcance. A Guarda Costeira também enviaria um helicóptero Jayhawk da Base Aérea de Clearwater, na Ilha de Andros, nas Bahamas.

A bordo do Dolphin, o suboficial Ryan White estava preocupado. O jato localizaria o acidente, mas àquela distância o helicóptero só teria 15 minutos de combustível para realizar o resgate. Se houvesse sobreviventes.

**D**ONYELLE ABRAÇAVA firme Zoie. Estavam na água havia apenas alguns minutos, quando, de repente, um avião da Air Sunshine sobrevoou o local e jogou coletes salva-vidas na água. Constantinos conseguiu segurar dois, um para o piloto, outro para sua família, e Bethany pegou de volta o bebê.

Walt agora se agarrava ao colete de Donyelle, mas o casal havia se separado de Andre e Elisia. Após al-





gum tempo, avistaram as crianças. A visão era terrível. A mãe, com os braços em torno das pernas dos filhos, boiava de bruços na água. O corpo subia e descia com as ondas.

Walt mal conseguia respirar. *Cotadinhas dessas crianças*, pensou. “Tem um avião sobre nós, que vai chamar um barco. Só temos de acalmar os meninos até ele chegar”, disse a Donyelle.

Mas Constantinos teve outra idéia e insistiu para que nadassem para terra. Donyelle estava certa de que as crianças não agüentariam. Já estavam exaustas; batiam os dentes e engoliam água salgada. Os coletes salva-vidas eram grandes demais para elas e, como não tinham fivela na cintura, havia o perigo de perdê-los.

– Não vamos abandonar as crianças – disse a Walt. – Eu não conseguiria viver se algo acontecesse a elas.

– Claro que não – concordou Walt. – Vamos sair todos daqui.

Ele tinha de acreditar nisso. Avistou a Constantinos que aguardariam o socorro. A família Francisco e o piloto se puseram vagarosamente a caminho da ilha, a dez quilômetros dali.

**A ação filmada pela câmera do Falcon (a partir da esquerda): local da queda; Donyelle, Walt e o bote salva-vidas parcialmente inflado; o HH-60 Jayhawk; e Kurt Peterson, da equipe de resgate.**

Donyelle e Walt tentavam permanecer juntos, mas o mar os afastava. Voltaram a atenção para as crianças, tentando mantê-las em atividade, porque a água os estava congelando. Entre dentes trincados, ouviram Elisia dizer:

– Tem algo errado com minha mãe. Parece que ela está debaixo da água.

– Vai ficar tudo bem – garantiu-lhe Walt.

Um colete salva-vidas passou boiando e Walt o pegou. Agora pelo menos cada um tinha algo em que se segurar.

Por uma hora, Walt e Donyelle conversaram com as crianças, perguntando sobre a escola e a viagem às Bahamas. Quando não conseguiram pensar em mais nada para falar, cantaram canções religiosas.

A certa altura, Donyelle teve uma idéia terrível.



– Tem tubarão aqui? – perguntou a Walt.

– Ah, não, claro que não – respondeu ele de olhos arregalados, tentando brincar.

– Você também disse que o avião não cairia – disse Donyelle, rindo.

Mas, à medida que o tempo passava, o humor de Donyelle se transformava. Quando Walt se afastava mais de meio metro, ela implorava: “Não me deixe! Não saia daqui!” Também se preocupava com as crianças. Elas agora boiavam imóveis, sem mexer pernas nem braços e, portanto, sem gerar calor. Ao se aproximar para verificar como elas estavam, Walt se lembrou de algo. Havia três crianças no avião! Onde estava a terceira? Na confusão, haviam-na perdido!

**Q**UANDO O JATO de Mike Eagle chegou ao local do acidente, ele viu dois grupos. Um deles tinha um bebê. Atirou-lhes um bote que comportava oito pessoas e inflava durante a queda. O bote atingiu o mar a cerca de 40 metros da família Francisco, e a corda caiu bem ao lado deles. Mas ninguém notou.

Donyelle viu a balsa descer do céu, a centenas de metros deles. Sabia que estavam todos fracos demais para alcançá-la. A cabeça de Andre pendia para trás. Walt sacudiu o garoto: “Andre! Agora não é hora de dormir!” O menino, porém, mal conseguia abrir os olhos.

O jato jogou um segundo bote, mais próximo deles.

– Vou buscá-lo – avisou Walt.

– Não! – gritou Donyelle, com medo de perdê-lo de vista.

Ela iria com ele, decidiu. Não se preocupem, disseram às crianças.

– Vamos voltar. Vamos botar vocês naquele bote.

Walt nadou até o bote e descobriu que só estava parcialmente inflado. Exausto, a mente anuviada, não conseguia imaginar o que fazer. Levou o bote para as crianças, mas não conseguiu colocá-las para dentro. Elas estavam geladas e mal se mexiam. O coração de Walt se apertou. *Depois de tudo isso!*

MIKE EAGLE deu instruções para que o helicóptero chegasse ao local do acidente. O nível de combustível do Dolphin se encontrava muito baixo. A equipe tinha de agir sem demora. O helicóptero desceu de 60 metros para cerca de 5 metros acima do mar. O salva-vidas Ryan White pulou do helicóptero com traje de mergulho, pés-de-pato, máscara e tubo de respiração. Com algumas braçadas vigorosas, aproximou-se da família Francisco e do piloto.

Seguindo os procedimentos de praxe, a princípio manteve distância. Muitas vezes a vítima se agarra ao salva-vidas e leva ambos para o fundo. Ele mergulhou na água para verificar se todos estavam inteiros. Agiu em termos de prioridade. Era preciso salvar primeiro o bebê, que se encontrava em estado de choque profundo, e a mãe.

Os colegas de equipe desceram



uma cesta de resgate, onde White fez entrar a mãe e a criança. O helicóptero as suspendeu com segurança. O piloto e Constantinos foram os seguintes.

Haviam se passado pelo menos dez minutos desde o início do resgate. White se comunicou com os colegas pelo rádio. “Sei que não estão com muito combustível”, disse. “Depois de içar o marido, podem ir. Clearwater me pega.”

O helicóptero de Clearwater e um barco de pesca das Bahamas surgiram quando Walt lutava com o bote. Ele apontou desesperadamente para as crianças. Elas primeiro!

O salva-vidas Kurt Peterson saltou na água, segurou Andre e Elisia e os colocou na cesta. O menino disse a ele: “Minha mãe morreu.” Peterson não respondeu. Tentou manter a concentração, salvando Donyelle em seguida e depois Walt.

O barco de pesca recolheu os corpos de Diane Parker-Diaz e de Diante, a terceira criança. Peterson nadou até o barco e viu que Diane não tinha salvação. Mas, sabendo do poder de recuperação das crianças, levou a menina para o helicóptero, onde ele e Ryan White tentaram ressuscitá-la enquanto seguiam para o hospital.

*Ah, meu Deus, pensou Walt. Ela es-*

*tava ali o tempo todo e não a vimos, não pudemos ajudá-la.* Tomado pela emoção, chorou. Donyelle, abraçando Andre e Elisia, estendeu o braço também para Walt.

Os sobreviventes foram levados às pressas para o Hospital Rand Memorial, em Freeport, Bahamas. Diane Parker-Diaz morreu no mar, lutando para salvar a vida dos filhos. A sobrinha de 4 anos, Diante Parker, foi declarada morta no hospital. O Conselho Americano de Segurança no Transporte está investigando a queda do vôo 502, verificando o treinamento do piloto, os registros de manutenção e outras questões na companhia aérea.

Só à noite Walt e Donyelle notaram os grandes hematomas que o desastre lhes rendera, mas nenhum dos dois estava seriamente ferido. Voltaram para a Flórida de navio, no dia seguinte, e acabaram passando a lua-de-mel na Geórgia.

Walt ainda tem pesadelos com o acidente, imaginando como poderia ter impedido a morte da mãe e da menina. Nem ele nem Donyelle conseguem voar desde então. Para Donyelle, em meio ao horror, houve uma certeza. Às vezes, as pessoas se perguntam se o parceiro seria capaz de dar a vida por elas. Donyelle Wilkins sabe a resposta.

## ENCRENCA DO BEM

Grandes realizadores costumam ser grandes criadores de caso. E não têm de ser, pelo menos em alguns momentos?

ANNIE LEIBOWITZ em O: The Oprah Magazine